

O CICLO DAS ÁGUAS: HISTÓRIA E IMAGINÁRIO¹

THE CYCLE OF WATERS: HISTORY AND IMAGINARY

**Lisiane Bonilla Trindade²
Zília Mara Pastorello Scarpari³**

RESUMO

Em sua obra, *O Ciclo das Águas*, Moacyr Scliar consegue retratar a verdadeira situação das imigrantes judias que vieram para a América em busca de melhores condições de vida. O autor dirige-se e homenageia, com a personagem principal, a todas as mulheres judias que tiveram que esquecer suas tradições para se tornarem sujeito de grandes lutas e conquistas. Na questão histórica, penetra o componente imaginário: em toda a obra, o elemento água tece uma rede simbólica que remete à transição psíquica e emocional de suas personagens. Nesse contexto, podemos inserir os estudos de Gaston Bachelard em *A Água e os Sonhos* (1997), em que ele reconhece o elemento água como um tipo de destino essencial que metamorfoseia, incessantemente, a substância do ser.

Palavras - chave: literatura, história, imaginário.

ABSTRACT

In his work *The cycle of waters*, Moacyr Scliar manages to picture the real situation of female Jewish immigrants who came to America in search of better conditions of life. By means of the leading character, the author directs and pays homage to all female Jews who had to forget their traditions to make themselves subject of great struggles and conquests. In the historical issue, the component imaginary penetrates: in all the work the element water weaves a symbolic net, which refers to the psychic and emotional transition of his characters. In this context, the studies of Gaston Bachelard in *The water and the dreams* (1997) may be inserted. In these studies, the element water is recognized as a kind of essential destiny which

¹ Monografia do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Centro Universitário Franciscano.

² Aluna do Curso de Especialização em Língua Portuguesa e Literatura Brasileira do Centro Universitário Franciscano.

³ Orientadora.

causes the substance of the human being to be ceaselessly metamorphosed.

Key words: Literature, history, imaginary.

INTRODUÇÃO

O Ciclo das Águas, do médico e escritor Moacyr Scliar, revela, nas entrelinhas de todo o romance, a trajetória de centenas de imigrantes judias em busca de melhores condições de vida, liberdade, sonhos e independência, num continente muito distante do seu: a América. Essas mulheres que, desde a sua religião eram excluídas, acreditaram que vindo morar na América conseguiriam obter um lugar de maior prestígio dentro de sua sociedade. Entretanto, não imaginavam os verdadeiros motivos de sua vinda. Na verdade, os mesmos homens que lhes prometiam vida digna eram, na realidade, traficantes de escravas brancas, os quais as forçavam a se submeter a vários tipos de trabalhos. Sob esse aspecto, esta análise fundamenta-se nos seguintes autores: Duby & Perrot (1991), Padilha (2000), Scliar (2000) e Sklo (1990), que tratam da história das mulheres, da questão judaica e da imigração de judeus para o Rio Grande do Sul. Quanto às relações entre ficção e história, torna-se importante a leitura de Santos (1995), Burke (1992), Sharpe (1992), Pesavento (2000), entre outros.

Paralelamente a essa perspectiva histórica, o texto apresenta vários aspectos simbólicos que o motivo das águas desencadeia. A água está presente em tudo o que é apresentado como realidade humana. Ela é um dos quatro elementos naturais do planeta e sua significação vai muito além de suas propriedades químicas ou físicas. Sua simbologia é muito extensa, significando desde a substância da vida, passando pelo medo da morte em seu seio e chegando até o ideal de purificação máxima que seu contato proporciona.

Com a utilização dessa face simbólica da água, Moacyr Scliar retrata o ciclo de vida de personagens que têm suas trajetórias em constante mutação, acompanhando a passagem da água leve e clara para o escurecimento que a torna impura. Essa mudança coincide com a transição do estado de bem-estar para o estado de sofrimento.

Citado diversas vezes no texto, com as mais variadas configurações, ora como parte do psiquismo das personagens, ora como componente físico da realidade que os cerca, esse elemento forma uma rede de significações que deve ser analisada a partir de um referencial teórico seguro: trata-se da obra *A Água e os Sonhos* de Bachelard (1997), que relaciona a simbologia da água e a imaginação humana. Bachelard lembra que o pensamento anti-

go colocava os quatro elementos na base de todas as coisas, mas é somente a água que consegue englobar todos os outros.

FICÇÃO, HISTÓRIA E IMAGINÁRIO

O romance como registro da história

A literatura e a história, desde a Antiguidade, preocupam-se com as fronteiras entre verdade e ficção, uma vez que apresentam, de certo modo, tendências de estreitamento de relações que dão ao gênero romanesco um caráter verossímil. O romance, enquanto manifestação de cunho narrativo, consiste num discurso que incide sobre uma realidade vivida, registrando e recuperando aspectos da vida cotidiana, passando a dividir com a historiografia a função de organizar os fatos.

Aristóteles, durante o classicismo antigo, referia-se a essa questão, ao inserir o mito ao lado do caráter e do pensamento, na condição de elemento que serve para qualificar tal gênero. Na acepção aristotélica, mito deve ser entendido como fábula, comportando os conceitos de imitação de ações e de composição dos atos, pois segundo ele, trata-se do elemento mais importante, uma vez que é por ele que a literatura se assenta como imitação de ações e de vida. No plano da arte, esse é o período em que os chamados gêneros clássicos são substituídos pelos gêneros modernos e ainda da época em que se começa a ter uma nova perspectiva a respeito do conceito de imitação.

A incorporação do prosaísmo à arte literária trouxe o problema de um novo estatuto para o conceito de mimese e algumas questões ligadas às fronteiras do discurso artístico. A principal delas diz respeito aos limites que se estabelecem entre o discurso da arte e o discurso da História, visto que ambos giram em torno de uma certa realidade.

Entre os séculos XVIII e XIX, o romance expande-se como novo gênero e contribui de modo decisivo para o debate a respeito das relações entre literatura e história que estavam fora das cogitações do tempo de Aristóteles. Conforme observa Santos (1995), o romance, por estar escrito em prosa, possui características que o tornam mais verossímil. "Ocorre que a forma prosaica por ele eleita, o caráter de painel de seu enredo, a caracterização de seus protagonistas, os eventos que elege contar, tudo isso o coloca mais próximo do historiográfico" (p.10).

Tendo em vista os crescentes questionamentos em torno do conceito de verdade, os cruzamentos entre o romanesco e o historiográfico tornam difícil a defesa de posições que indiquem a possibilidade de se conhecer o passado de modo seguro e positivo. Além disso, o gênero romanesco parece

ter sido a composição literária que, desde o início da sua expansão, desenvolveu características formais que podem ser situadas no mesmo campo de interesse da historiografia.

Contudo, para o historiador, a literatura permanece uma declaração escrita para servir de prova para a representação do que pode ser lido. Ou seja, conforme Pesavento (2000), a leitura da literatura pela história não se faz de maneira clara, porque o que se resgata é a "representação do mundo que comporta a forma narrativa". Pode-se deduzir que a história também não é passível de uma leitura literal, "sendo ela também uma representação do real e comportando, pois, a atribuição de um sentido" (p. 11).

Assim durante as duas últimas décadas, vários historiadores têm explorado novas formas de registrar o que o passado nos lega. Sharpe (1992), por exemplo, explora a carta de um soldado britânico para sua esposa, escrita no fronte durante a batalha de Waterloo. Portanto, os historiógrafos sentiram-se atraídos em explorar a história do ponto de vista do soldado, ou seja, o ponto de vista de um homem comum. Por conseguinte, esse novo ponto de vista passou a ser chamado como "história vista de baixo". Sharpe (1992) comenta:

Essa perspectiva atraiu de imediato aqueles historiadores ansiosos por ampliar os limites de sua disciplina, abrir novas áreas de pesquisa e, acima de tudo, explorar as experiências históricas daqueles homens e mulheres, cuja existência é tão freqüentemente ignorada, tacitamente aceita ou mencionada apenas de passagem na principal corrente da história. (p. 41)

Mais tarde, no início do século vinte, Lewis Namier e R.H. Tawney sugeriram analisar as estruturas ao invés de narrar os fatos. De certo modo, os historiadores estruturais conseguiram mostrar que a narrativa tradicional não avaliava aspectos relevantes do passado, significando, dessa maneira, que a narrativa não seria mais inofensiva na historiografia do que o é na ficção. Assim os defensores da narrativa observaram que a análise das estruturas era estática e não histórica. Entretanto, os historiadores do estrutural e os historiadores do narrativo divergem na escolha do que consideram significativo no passado.

Burke (1992), por sua vez, foi dos primeiros historiadores a se preocupar com o problema do tipo de narrativa a ser escrita. Isto significa que um novo tipo de narrativa poderia ser discutido por historiadores estruturais, como, por exemplo, a técnica da micronarrativa (micro-história), definida como narração de uma história sobre as pessoas comuns no local ou região onde vivem.

Assim, entre as formas adotadas pela historiografia contemporânea, estão incluídas a micronarrativa, as narrativas de frente para trás e as histórias que se movimentam para frente e para trás. Portanto, a historiografia acaba tomando emprestadas técnicas próprias do romance. Nesse caso, as fronteiras entre história e ficção tornam-se cada vez mais fluidas. Então, por que não se servir do texto literário como fonte segura da história? Enquanto um sistema complexo de significação, em que vários textos se cruzam, o romance tem a vantagem de registrar, artisticamente, as grandes tensões sociais e psicológicas de uma época e de uma sociedade nas tramas de sua rede simbólica. É o que percebemos, por exemplo, na abordagem da questão judaica presente em *O Ciclo das Águas*, de Moacyr Scliar.

Scliar e a questão judaica

Moacyr Scliar, médico e escritor, nasceu em 23 de março de 1937, em Porto Alegre. É autor de uma vasta obra que abrange conto, romance e ensaio. Em 1962, ainda estudante de medicina, publicou seu primeiro livro, *Histórias de um médico em formação*. Médico atuante, especializado em saúde pública, Moacyr Scliar é considerado como um dos melhores escritores brasileiros da atualidade, sendo autor de mais de quarenta livros.

Muito traduzido e premiado, esse gaúcho escreve crônicas dominicais para o jornal *Zero Hora* e colabora para a *Folha de São Paulo*, *Jornal do Brasil* e *Shalom*, além de ministrar palestras. Como escritor, conquistou importantes prêmios, entre aos quais o "Prêmio Academia Brasileira de Letras" (1968), "Prêmio Érico Veríssimo de Romance" (1976), "Prêmio Guimarães Rosa" (1977), "Prêmio Associação Paulista de Críticos de Arte" (1980), "Prêmio Jabuti" (1988 e 1993), "Prêmio Machado de Assis" conferido pela Academia Brasileira de Letras e "Prêmio Açorianos", de Porto Alegre, em 1996.

Este autor, de origem judaica, insere a temática do imigrante judeu e urbano no imaginário da literatura sul-rio-grandense.

Destacam-se, dentre suas produções, os romances: *A guerra no Bom Fim* (1972), *O exército de um homem só* (1974), *O centauro no jardim* (1980), *A estranha nação de Rafael Mendes* (1983), *A mulher que escreveu a Bíblia* (2000). Entre seus livros de contos, figuram: *O carnaval dos animais*, *O olho enigmático* (1986), *A orelha de Van Gogh* (1988), além de livros de crônicas, com destaque para *A massagista japonesa* (1984) e *Dicionário do viajante insólito*. Scliar também escreveu textos destinados ao público juvenil.

Em *Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul*, conta toda a saga dos emigrantes judeus na Europa e parte da Rússia,

até virem morar na América. Essa trajetória tem início com a história bíblica, na qual Moisés salva seu povo, no Egito, guiando-o para a Terra Prometida, até que a resistência diante das poderosas legiões romanas provocou sua dispersão inevitável. A partir daí, o povo judeu vagaria de terra em terra, em busca de um lar.

Durante toda a Idade Média, médicos, intelectuais, comerciantes ou financistas judeus eram figuras demasiadamente visíveis que se transformavam em alvo da sociedade, durante as revoluções sociais. Isso acontece quando a Idade Média começa a declinar. E, mais uma vez, os judeus são expulsos: da Península Ibérica, da França e da Alemanha. Com isso, resolvem tomar a direção da Europa Oriental e vão se localizar em terras do Império Russo, onde tem início um longo convívio marcado, sobretudo, pelas diferenças. Períodos de grande tolerância alternados com cruéis perseguições. Em 1545, as mercadorias dos comerciantes judeus são queimadas na cidade de Kiev, e a permanência na cidade lhes é proibida. Expulsos e tristes, abrigam-se na cidade de Polotsk, também território russo, na qual, após dezoito anos de convivência e adaptação, são obrigados a se converter; aqueles que não quisessem se converter estariam arriscando suas vidas, ou melhor, seriam enviados para a execução. Em 1642, foram assassinados mais de cem mil judeus.

No final do século XIX, eram mais de cinco milhões de habitantes judeus em território russo, confinados em determinadas regiões: assim, surge o "shtetl" (aldeia), o núcleo de convivência.

Moacyr Scliar comenta na mesma obra:

As agruras dessa sofrida gente encontraram eco nas comunidades judaicas da Europa Ocidental. Beneficiárias da era do progresso e de afluência introduzida, e beneficiárias igualmente das idéias liberais que se traduziam no reconhecimento dos direitos humanos e da cidadania, tais comunidades resolveram ajudar os judeus na Europa Oriental, não só por uma questão de solidariedade grupal, como também pelo tradicional preceito ético do judaísmo. (p.14)

Com esse comentário, fica claro que, para os judeus, ajudar aqueles que precisam não é questão de caridade, mas sim, de justiça e de honra.

Em 1891, o Barão Hirsch criava a Jewish Colonization Association (JCA ou ICA), que arrecadava fundos para a aquisição de solos na América. A nova associação tratou de mobilizar as massas judaicas para esse projeto. Scliar acrescenta:

Maravilhados embora, os judeus hesitavam ainda em abandonar o seu lar. Pobre lar, ameaçado lar, mas lar, em cujo telhado míticos violinistas tocavam as melancólicas melodias de um passado que se confundia com o presente. Mas não com o futuro, cada vez mais incerto - e ameaçador. (p.16)

De sessenta e cinco milhões de pessoas que chegaram à América, quatro milhões eram judeus. Com dúvidas e medo, deixaram o Velho Mundo, palco de problemas nacionais, opressão e miséria, para virem morar na América, um mundo de sonhos, melhorias e vida digna.

Em 1902, um agrônomo chamado Lapine adquiriu, em nome da ICA, 5.766 hectares de terras no Município de Santa Maria (Pinhal), no Rio Grande do Sul. Já em 1904, estabeleceu-se a primeira colônia judaica da região, chamada de Colônia Philippon, existente até hoje que, inicialmente, abrigou cerca de 300 pessoas. Na colônia, as famílias adquiriam um pedaço de terra e ferramentas, para o trabalho rural e produção própria. Tanto os instrumentos agrícolas quanto a terra eram pagos num prazo de dez a vinte anos pelos judeus que ali ficaram.

Entretanto, as condições de vida no campo tornavam-se cada vez mais precárias, fazendo com que alguns colonos comesçassem a desejar melhores condições de vida. Muitos resolveram deixar as colônias para tentar a sorte na cidade. Scliar afirma: "começava assim o segundo momento da saga judaica no Rio Grande do Sul: o momento da cidade. A Porto Alegre, Passo Fundo, Erechim, Santa Maria, Pelotas, Rio Grande, Uruguaiana, começavam a chegar os ex-colonos - e outros emigrantes que vinham da Europa" (p. 32).

Para os judeus, a vida nas cidades tornava-se sinônimo de preocupação, incerteza e pobreza. Eram poucas as oportunidades, e o que lhes restava era o comércio ambulante, profissão na qual possuíam uma vasta experiência. Inicialmente, a jornada foi difícil, mas logo começaram a obter prestígio na cidade de Porto Alegre. Aos poucos, foi surgindo o comércio estabelecido, concentrado em determinados pontos da cidade, como na rua Caminho Novo (atual Voluntários da Pátria) e na rua Oswaldo Aranha. Scliar acrescenta: "quando se escrever a história dos bairros judeus, o Bom Fim terá nela o seu lugar [...] Porque o Bom Fim dos anos trinta e quarenta era um verdadeiro shtetl, uma aldeia da Europa Oriental no meio de Porto Alegre" (p. 38).

Bairro de tamanha importância incluía ruas como a Fernandes Vieira, Felipe Camarão, Henrique Dias, João Telles e Vasco da Gama. Aos poucos, começaram a surgir certas prioridades, como a educação e a cultura. Inici-

almente, a escola funcionava em uma sede israelita, logo em seguida, instala-se em sede própria, localizada no mesmo bairro.

O Bom Fim tornou-se completo. A vida espiritual, a educação e a cultura, o baile, o bar, o esporte, a praia, tudo estava completo para os judeus. O bairro também sofreu alterações, conforme a modernização e a urbanização da cidade. Entretanto, até hoje, continua a ser caracterizado como um bairro judaico, "mas, ao longo do eixo formado pela Avenida Protásio Alves, que se prolongava em direção a áreas até então semi-rurais, as famílias judaicas iam se localizando" (Moacyr Scliar, p. 53). Esta evolução acompanhava-se de rápido processo de integração judaica.

As mulheres judias também possuíam grande importância nas comunidades, embora, no princípio, não sobrassem a elas grandes afazeres. Cuidavam dos filhos e das tarefas da casa. Na sinagoga, geralmente sentavam-se à parte e, normalmente, não eram iniciadas na língua sagrada, o hebraico; seu papel era preparar a refeição do Sabat. Na sociedade tradicional, era proibido às mulheres o estudo da Torá (livro sagrado), tarefa que competia apenas aos homens. As mulheres que o faziam eram consideradas pecadoras.

A partir de 1880, porém, quando foram transportadas para a América, o modelo religioso do lugar da mulher no judaísmo e na sociedade nem sempre correspondeu à realidade. Durante o século XIX, as mulheres judias se transformam com as mudanças ideológicas da modernidade, que acabam afetando a sua educação tradicional.

Para Duby (1991),

a educação seria particularmente afectada pelas novas correntes ideológicas no seio do Judaísmo, com duas questões centrais para a reforma educacional: em que medida deveriam ser introduzidos temas seculares numa educação judaica e em que medida deveriam as mulheres ser admitidas ao estudo. (p. 262)

Portanto, enquanto o compromisso religioso era facultado a um maior número de mulheres, o estudo ortodoxo era a solução para a educação secular tanto para os homens quanto para as mulheres. Transformaram-se, também, as funções das mulheres, eventualmente, nas reuniões e tarefas da sinagoga. Mas, com toda essa luta das mulheres judias, ainda era difícil ganhar prestígio. Desse modo, uma minoria optava por duas saídas que se afastavam das normas comunitárias que regulavam as relações entre os sexos. Prostituição e revolução, ambas ameaçando a sociedade judaica.

Duby (1991) comenta:

O grande debate da viragem do século sobre a escravidão branca, em que os Judeus estiveram envolvidos com prostitutas e como proxenetas, da Galícia a Buenos Aires, transformou-se em parte numa crítica à educação secular das mulheres. Os ortodoxos imputavam as transgressões das normas de pureza, castidade e separação dos sexos à falta de educação religiosa e moral das gerações mais novas em geral. (p. 266)

Contudo, após a investigação sobre a prostituição judaica, sugeriram que as moças judias eram vulneráveis. Surgiu assim uma forte proibição, entre as comunidades, para que não ocorresse sexo extraconjugal, com o objetivo de relegar as prostitutas judias à margem da memória judaica.

Portanto, para muitas mulheres e homens, a grande virada de suas vidas seria a emigração. Como informa Duby (1991), para "as mulheres, a emigração podia significar submissão e dependência ou podia significar emancipação pessoal" (p. 273). Por isso, num novo lugar, o modelo tradicional tinha há muito sido abandonado. A nova terra oferecia, tanto para as mulheres quanto para os homens, um ensino obrigatório e gratuito. A educação ortodoxa não foi totalmente abandonada, mas transformada numa opção pós-escolar. No trabalho, as operárias judias aprendiam a usar suas máquinas de costura até dezesseis horas por dia, mas, com o passar do tempo, descobriam que estavam à mercê administrativa e, muitas vezes, sexual dos seus chefes.

Assim as imigrantes judias, freqüentemente, traziam à tona a educação do velho mundo, os costumes e tradições, numa tentativa de manter sob controle a sua esfera privada. "Outras combinavam práticas do velho mundo com oportunidades do novo mundo" (Duby, 1991, p. 273), reivindicando sua participação nos assuntos públicos. Logo, para as mulheres mais jovens, a emigração poderia tornar-se uma forma de libertação.

O Ciclo das águas e a verdade histórica

O romance de Scliar, publicado em 1977, pela editora Globo de Porto Alegre, foi baseado na história real de uma paciente polaca que o escritor, recém-formado da faculdade de Medicina, conheceu no Lar dos Velhos da Comunidade Israelita de Porto Alegre. Essa judia inspira a criação de Esther, protagonista de *O Ciclo das Águas*.

Esther é uma jovem camponesa, filha de mohel da Polônia e que se casa com Mêndele, seu amor de infância, para vir morar na América. Durante a viagem de núpcias, Mêndele falece e Esther fica à mercê das pes-

soas do navio e dos amigos do marido que os recepcionariam assim que chegassem.

Antes de desembarcar em terras brasileiras, passou por Paris e Marselha para a iniciação no ofício da prostituição. Assim, quando chega ao Brasil, Esther é recebida por Leiser, amigo e sócio de Mên dele. A jovem é levada para uma grande casa, chamada de "Casa dos Prazeres": seu esposo era agente do estabelecimento e Leiser, o chefe latino-americano da organização de escravas brancas.

Com o tempo, Esther é reconhecida na "Casa dos Prazeres" como a melhor prostituta e acaba se envolvendo com Rafael, um jovem cliente judeu. Grávida de Rafael foge de Leiser, pois este queria obrigá-la a fazer um aborto.

Após ter a criança, Esther consegue dinheiro de um antigo cliente para abrir um bordel. Ela deixa Marcos, seu filho, com Morena, uma velha que possuía experiência com crianças.

Esther enriquece e dá ao filho uma vida digna. Compra um apartamento de luxo, no centro de Porto Alegre, para que ele possa estudar. Marcos passa no vestibular de História Natural. Na formatura do filho, Esther, orgulhosa, não consegue chegar a tempo na solenidade, pois o governo estava fechando seu bordel.

Enquanto Esther tenta reerguer seu negócio, Marcos começa a dar aulas em uma Faculdade. Na Instituição, ele conhece Elisa, psicóloga, com a qual se casa e tem dois filhos.

Esther, em total decadência, acaba enlouquecendo. Marcos é obrigado a colocá-la em um asilo. O filho sempre a visita, mas ela apenas consegue reconstituir fragmentos do passado.

Por todos os relatos sobre a vida e costumes dos judeus, percebe-se que a protagonista de *O Ciclo das Águas* sofre vários tipos de discriminação. Primeiramente, a discriminação começa pela religião, pois como mulher não possui direitos de exercer os rituais sagrados da Tora; cabe a ela, então, decidir de forma radical o modo de conduzir sua vida.

Com a promessa de casamento e na esperança de uma vida melhor na América, Esther se une a Mên dele perante a lei religiosa, acreditando estar livre de uma educação antiga e autoritária. Mas, realmente fica entendendo as intenções do esposo quando ele a encaminha para a prostituição na Europa e, posteriormente, para a América. Mên dele, em momento algum, manteve relações sexuais com sua esposa, pois ele era o agente do comércio de escravas brancas e, por isso, não podia manter intimidades com as mulheres que trazia. Essa tarefa cabia ao chefe da organização.

A jovem depara-se, portanto, com uma realidade totalmente desconhecida, que se abre para ela como um novo ciclo de vida e, dessa forma, faz desmoronar todos os seus sonhos; sonhos que muitas mulheres judias tiveram sobre o Novo Mundo. A recordação de seus entes queridos e de sua aldeia é uma forma de resgatar e reconstituir o presente de uma outra forma. Nesse aspecto, muitas vezes, Esther entra em conflito por ter traído os princípios paternos e religiosos, pois segundo a tradição, ela não passava de uma grande pecadora.

No seu envolvimento com um jovem judeu, Esther sente-se viva, e a partir desse relacionamento, começa a visualizar outras possibilidades de sobrevivência. Daí sua coragem para enfrentar seu cafetão e romper um ciclo de humilhações, exclusão religiosa e discriminação por parte de seus compatriotas. Uma nova Esther, forte, corajosa e sedutora, torna-se líder das polacas prostitutas, mostrando como surgiu o protesto dessas mulheres que chegaram a fundar uma associação para defender seus direitos; também criaram sinagogas e cemitérios de uso exclusivo, que se encontram em São Paulo, Rio de Janeiro, Porto Alegre e Buenos Aires. Dessa maneira, tanto Esther como milhares de outras prostitutas judias puderam sentir-se dignas e emancipadas para poderem viver sem receio.

Já para os homens, as perspectivas de vida eram melhores. Podemos dar como exemplo o personagem Marcos que, auxiliado pela mãe, possui todas as condições para se tornar um grande homem. Com a idéia de poupar o filho das dificuldades materiais, Esther abre-lhe o caminho para os estudos. No caso dos imigrantes judeus, esta disposição via-se reforçada por uma tradição cultural e mesmo ética: todo judeu devia tornar-se homem respeitado e digno de viver numa sociedade.

Marcos possui todas as regalias para continuar seus estudos, tenta o vestibular de medicina, mas não consegue a aprovação. A intenção do autor de torná-lo médico não é apenas uma ficção ou uma mera coincidência, pois a preocupação com a doença e com a manutenção da saúde aparece várias vezes na Torá. Na época medieval, numerosos eram os judeus que exerciam tanto a medicina como a advocacia. Entende-se que existe um aspecto prático na escolha desses ofícios. São profissões que dão status, um bom padrão de vida e que são portáteis, pois, escolhendo essas atividades, os homens judeus poderiam levá-las consigo para qualquer lugar. Preocupação conhecida por judeus que tiveram que fugir às pressas de seu país, e também da personagem Esther, que temia a exclusão, dela própria e de seu filho. A preferência por profissões liberais era muito comum nas comunidades judaicas.

Quanto ao espaço em que se desenrolam os fatos, temos quase em toda a obra o espaço fechado. Entretanto bairros, costumes judeus, termos em hebraico fazem parte do espaço da narrativa como efeitos de real.

Na obra de Scliar, encontraremos a sinagoga como parte da iniciação religiosa de Marcos, pois é obrigado pela mãe a fazer o bar-mitzvá, cerimônia pela qual o jovem aos treze anos é admitido na comunidade judaica, lendo no templo o seu trecho na Torá. A sinagoga desempenha, portanto, papel fundamental na dinâmica comunitária dos israelitas.

A palavra mohel significa orientador, conselheiro, ou seja, para um melhor entendimento, um tipo de pastor, que desempenha para a comunidade judaica funções religiosas de grande relevância: abate o gado de acordo com o ritual, prática de *schoichet*; faz a circuncisão; prepara os jovens para a iniciação religiosa (bar-mitzvá); realiza casamentos; ofícios religiosos; o Rosh Hashaná, cerimônia para o ano novo; o Iom Kipur, dia de recolhimento e auto-análise; etc. Para tanto, fala-se o *ídiche* ou *iídiche*, a língua das populações israelitas do Oriente Europeu, mistura de antigo alemão e elementos eslavos, escrita com caracteres hebraicos. Em todo o romance, o autor enfatiza a preocupação de que a protagonista não esqueça nunca a língua original.

O romance prioriza, como não podia deixar de ser, o bairro do Bom Fim, de grande relevância para a sociedade judaica porto-alegrense. Tanto na obra como nos fatos históricos o bairro aparece como lugar de integração, proteção e educação para os judeus. É no Bom fim que se localizam, completam-se e mantêm-se todos os seus costumes e tradições.

O aspecto simbólico do texto

Um dos erros mais freqüentes que aparecem na interpretação dos símbolos é contrapor o simbólico ao histórico. Para Cirlot (1984), "o simbolismo acrescenta um novo valor a um objeto ou a uma ação, sem atentar, por isso, contra seus valores próprios e imediatos ou históricos. Ao aplicar-se a um objeto ou ação converte-os em fatos abertos" (p. 10). Mas, para vários filósofos, o símbolo é um veículo universal e particular, que transcende a história e que corresponde a uma época precisa.

De qualquer modo, a multiplicidade de objetos simbólicos corresponde a várias atribuições de sentido, ordenando significados semelhantes em cada plano de realidade. Contudo, o símbolo não possui poder significativo para um só nível, mas poder para todos os níveis, e caracteriza o símbolo, a simultaneidade dos diferentes sentidos que revela.

Portanto, em simbolismo, tudo possui significado, tudo é intencional, tudo deixa um vestígio que pode ser objeto de compreensão e interpretação.

Assim, em relação ao romance de Seliar, a rede simbólica é tecida em torno do elemento água, o que se percebe desde o título da obra.

Bachelard (1884 - 1962) com seu estudo que introduz a imaginação da matéria como principal objeto de análise, conseguiu renovar a crítica literária francesa destruindo seus antigos procedimentos, possibilitando a abertura a vários outros métodos que estavam surgindo. A seguir, dedicou outros quatro trabalhos à imaginação da matéria, em torno dos quatro elementos fundamentais: a água e os sonhos (1943), o ar e os sonhos (1943), a terra e os devaneios da vontade (1948), a terra e o devaneio do repouso (1948). Segundo Gaston Bachelard, pode-se relacionar a imaginação com qualquer um dos quatro elementos conhecidos: fogo, água, terra ou ar. Para que essa imaginação, ou em suas próprias palavras, esse "devaneio" resulte em uma obra de valor literário, é necessário estar associado a um elemento material, a uma substância.

O romance em análise, como sugere o próprio título, é construído sob o signo da água. O fluxo e refluxo constante deste elemento manifesta-se na flutuação do ponto de vista da narração que varia entre um narrador-protagonista, em primeira pessoa, e outro narrador, em terceira pessoa, que registra a fala interior dos personagens, seus pensamentos e conflitos. Dois são os personagens focais, obedecendo ao ritmo binário das águas e conferindo mobilidade e liquidez à enunciação: Marcos e Esther.

Os primeiros fatos são trazidos pelas águas do mar, que conduzem Esther do velho ao novo continente. Com Esther, aportam também os mistérios e segredos de um falso casamento. Entre os signos enigmáticos está o da pequena sereia, que revela a sua iniciação sexual como prostituta. Ao mesmo tempo em que ela encanta os homens com sua beleza sente-se uma grande pecadora, pois, na verdade, sabe que o que faz não é certo e, por isso, sente muito medo e vergonha:

(Pequena Sereia) evolui entre plantas aquáticas. Constrói sua morada no fundo do riacho; tudo que encontra e não come, leva para adornar as paredes de lama: a minúscula carapaça de um protozoário; um pedaço de vidro; o fragmento de uma unha humana. [...] Uma então - a mais nova, em geral - toma o rumo da foz. E vai, por riachos cada vez maiores, ao rio, e ao mar. Ali sofre durante meses, a água salgada irritando-lhe os olhos. Chega então o momento e ela sobe um rio, em busca de seu riacho, onde viverá, só e feliz, entre os pontos A e B, comendo em silêncio os dejetos que lhe aparecem (pág. 84 - 85).

Em Porto Alegre, Esther encontra as águas poluídas que remetem a sua vida promíscua. Mas a gestação de Marcos é a promessa de novas perspectivas, embaladas por águas maternas que poderão clarear o universo líquido do romance. Nessa obra, a água é a substância que guarda emoções e sentimentos.

A representação de águas impuras figura em todo o romance. Para Bachelard, o destino de toda água é tornar-se pesada, torpe, escura, ou seja, morrer. É o que se percebe, quando Marcos aborda uma mulher: "Comadre, - pergunta (apontando para um ponto entre A e B) - por que a água aqui é limpa e mais adiante não é? A mulher olha para a água, olha para Marcos, olha para a água de novo - aparentemente, a pergunta nunca lhe ocorrerá, Sacode a cabeça e vai-se, rindo" (p. 54).

Scliar começa a narrativa com as águas escuras, ou seja, expressando todo sofrimento em que se encontravam Esther e Marcos. A pergunta feita por Marcos pode representar a dúvida que tem sobre sua própria vida, ou melhor, os enigmas que envolvem sua origem e os problemas que vivencia.

A água clara e a água escura caracterizam bem a alegria e a dor, mas o devaneio começa, por vezes, com uma água límpida, a qual acaba no âmago de uma água triste transmitindo estranhos e fúnebres murmúrios. O devaneio à beira da água faz com que Marcos reencontre um passado cheio de inocência confrontado com um presente amargo.

Entretanto, esse devaneio faz com que Marcos reencontre seus mortos, e morre também ele, como um universo submerso: "(Marcos) água escura e fétida? É assim a água do riacho da Vila Santa Luzia, a água que eu examino ao microscópio? Sim. E não" (p. 46). No microscópio aparece, simbolicamente, em detalhes, a vida de uma água real personalizada por uma poderosa imaginação material. A água que Marcos analisa reúne os esquemas da vida atraída pela morte, ou seja, da vida que quer morrer.

Isso é que percebe o filho de Esther, quando faz as anotações para seu livro, registrando, inconscientemente, um destino entorpecido que foi absorvido por um sofrimento intenso: "(Marcos) o riacho...; deve ser ali que eles evacuem: breve as águas cristalinas estarão escuras e fétidas. Sim tenho de guardar esta frase para a próxima carta: breve as águas cristalinas estarão escuras e fétidas" (p. 24). Na observação de Marcos, percebe-se que a água, que é seu objeto de estudo, segue o destino de carregar a dor humana. A água se torna escura e fétida, assim como os problemas existentes em sua vida, ou seja, uma água que certamente será difícil de purificar.

Marcada de tristeza, essa água rica de tantos reflexos é uma água pesada, em sua máxima densidade. Não é incolor, tampouco uma cor uniforme. Ela remete também ao riacho turvo que revela a vida das pessoas da

Vila Santa Luzia, constituída de favelas, de seres marginalizados vivendo numa grande miséria: "(Marcos) É noite; mesmo à noite o riacho corre, na Vila Santa Luzia. Flui lento, alimentado pela água que mina de ocultos veios. Flui lento. Sujo, fétido: daqui se sente o odor" (p. 13).

A noite funde-se com a água, formando uma nova substância, produzindo um devaneio obscuro que associa a água ao sangue. A invenção, submetida às leis do inconsciente, sugere um líquido orgânico que carrega a imagem fetal. O texto sugere então, simbolicamente, a configuração do parto no imaginário de Esther: "cerca de meio litro de sangue saiu dali, um sangue escuro que fluía lento e ominoso" (p. 23). E o seu inconsciente, remontando ainda mais no tempo, devolve-lhe o espectro feliz da maternidade: "Dentro dela: água esperta. Água ardente. Água viva. Sorri, confortada. Está tranqüila. Sonolenta..." (p. 49).

Nessa rede simbólica, em que os signos se entrelaçam, o texto propõe em seguida o complemento da imagem: imerso nas águas reconfortantes de uma banheira, Marcos volta à bolsa uterina: "na bolsa das águas. Muitos anos depois, tomando banho de imersão, ele fechava os olhos e suspirava: na bolsa das águas... Lá é que eu estava bem" (p. 49). De fato, tem a súbita impressão de que o calor da água lhe inspira uma lembrança feliz, o ventre materno, no qual se sentia totalmente seguro e protegido de todas as agressões.

Tal sensação de bem-estar atrai imagens mais puras. Aliás, a água clara é uma tentação constante para o simbolismo fácil da pureza. Daí o sonho de renovação cíclica sugerida por uma água fresca, ainda que seja um apelo às poluições: "(Marcos) as águas voltam à terra, infiltram-se, desaparecem. Ressurgirão como nascentes - depois riachos - depois rios. E mares. E nuvens, e chuva: chove muito, no começo. As águas voltam à terra" (p. 05). Também imagem da renovação proposta pelo grande dilúvio bíblico.

Assim, todo o romance alude a um processo cíclico. Observando as águas poluídas, Marcos não distingue sua origem nebulosa. À medida que vai descobrindo sua verdadeira identidade, as águas clareiam e a história se desvela. Mas, como o destino é cíclico, tal qual a própria vida, as imagens aquáticas obedecerão indefinidamente à passagem do límpido ao turvo, e vice-versa, num processo infinito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O Ciclo das Águas é um dos grandes testemunhos literários das questões judaicas. Essa obra fascinou o produtor de cinema Aníbal Massaini e o novelista Lauro César Muniz, que transformou o romance em um longa metragem intitulado Cemitério das Ilusões, cujo tema central é a imigração e o tráfico de mulheres judias de origem polonesa. Dessa forma, o livro e o filme trazem à tona um assunto que embaraçou e incomodou, por muito tempo, a comunidade judaica brasileira. Moacyr Scliar acredita que o filme contribuiu para combater de vez o preconceito que ainda perdura. Ele afirma: "como judeu, acho que essas mulheres foram muito dignas e corajosas por enfrentar o preconceito de serem estrangeiras e a marginalização por serem prostitutas" (2000, p. 01).

Portanto, em pleno terceiro milênio, as polacas prostitutas e seus familiares, que nunca vieram a público por temerem o preconceito, agora, podem comemorar. Inspirado na obra de Scliar, o filme resgata a história das escravas brancas. Por outro lado, a Sociedade Cemitério Israelita, a partir de fevereiro de 2000, começou a colocar placas com nomes e datas de falecimento nas lápides, identificando prostitutas judias mortas e ignoradas, recuperando a dignidade e a memória de centenas de mulheres escravizadas.

Em relação ao filme, o romance de Scliar ganha como obra de arte. Nele se percebe uma simbologia da vida em perpétua transformação. A história de Esther circula entre dois pólos: mãe zelosa, aparece como figura central das tradições judaicas; como prostituta, é proscrita pelas mesmas tradições. Em toda a obra, a água transita com significações psíquicas e emocionais, assumindo aspectos morais variáveis, que vão desde o caráter lustral de um riacho, às impurezas simbólicas da carne, sob a forma de esgoto, sangue e lágrimas. Desde o título, percebe-se que o romance desvela o sentido da existência, um sentido marcadamente feminino. A água torna-se também substância-chave para o estudo do tema da eterna migração judaica. Como elemento que corre e morre sempre, conseguindo, entretanto, refazer, constantemente, o mesmo percurso, ilustra o tema do judeu errante e do eterno retorno da vida, que tem o mesmo ciclo das águas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BACHELARD, Gaston. *A água e os sonhos*. São Paulo: Martins Fontes., 1997.

BURKE, Peter. *A história dos acontecimentos e o renascimento da*

- narrativa**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*. São Paulo: Unesp, 1992.
- CIRLOT, Juan Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Editora Moraes, 1984.
- DUBY, Georges; PERROT, Michelle. **Histórias das mulheres no Ocidente: século XIX**. São Paulo: EBRADIL, 1991.
- PADILHA, Gláucia. **As polacas prostitutas que São Paulo quis esquecer**. In: *Jornal da Tarde*. Internet, 2000.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. **Literatura, história e identidade nacional. Vidya, Centro Universitário Franciscano**. Santa Maria, vol. 19, nº 33. janeiro/junho de 2000.
- SANTOS, Pedro Brum. **A representação da história e as fronteiras da composição literária**. *Vidya, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras "Imaculada Conceição"*. Santa Maria, vol. 14, nº 24. julho/dezembro de 1995.
- SCLIAR, Moacyr. **O ciclo das águas**. Porto Alegre: L&PM, 2000.
- SCLIAR, Moacyr. s/d. **Caminhos da esperança: a presença judaica no Rio Grande do Sul**. Vol. II. Porto Alegre: RIOCELL.
- SHARPE, Jim. **A história vista de baixo**. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história*, São Paulo: Unesp, 1992.
- SZKLO, Gilda Salem. **O Bom Fim do shtetl**: Moacyr Scliar. São Paulo: Perspectiva, 1990.
- TADIÉ, Jean - Yves. **A crítica do imaginário**. In: *A crítica literária no século XX*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1992.